

PERFIL DE SÉRGIO MATTOS POR GUTEMBERG CRUZ - 1998

Cruz, Gutember. *Gente da Bahia II*. Salvador: Editora P & , 1998. (Livro com 168 páginas ilustradas. ISBN: 85-86268-10-0).

Neste livro, o autor traça o perfil biográfico de 50 personalidades da Bahia, mostrando a força de expressão de cada uma delas. Abaixo estão a Introdução do livro, na qual o autor justifica a produção do livro e o texto perfil de Sérgio Mattos, incluído nas páginas 145-147.

INTRODUÇÃO

Gutemberg Cruz

As personalidades aqui reunidas cultivaram as artes, as letras, a política, as manifestações da inteligência e os sentimentos, e, pela cultura, abriram perspectivas e horizontes no limiar de um novo tempo. O objetivo é ressaltar as grandes figuras do passado e também os contemporâneos, que pela sua participação na vida pública baiana, deram o melhor de si mesmos nos diversos campos da atividade humana. Esses vultos que se projetaram, na sua época, na administração, na atividade privada, no cenário cultural, enfim em todos os setores, pelo seu trabalho, pela sua formação humanística. Por isso procuramos referenciar esses nomes, para não ficarem esquecidos – como é comum nos dias atuais – mostrando suas trajetórias em síntese.

Frei Vicente do Salvador foi o primeiro que escreveu sobre o nosso país, numa época em que o Brasil ainda estava em formação. Ele escreveu a **História da Custódia do Brasil** abrangendo o período 1500-1627. Outro baiano, Sebastião da Rocha Pita traçou, em sua obra, **História da América Portuguesa, o período do desenvolvimento do Brasil até o ano de 1724**. O cronista da fase colonial, José Antonio Calas apresentou, ente outros, o trabalho **Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759**. O engenheiro ilustrou seu livro com mapas e gráficos. Vale lembrar o relato a vida baiana nos fins do século XVIII, escrita pelo português Luís dos Santos Vilhena. Ele escreveu **Recapilação de Notícias Soteropolitanas e Brasileiras**, em 20 cartas endereçadas a um amigo. Ao se tornarem conhecidas como **Cartas de Vilhena**, oferecem subsídios sobre a economia urbana, costumes, educação e saúde. O historiador Manuel Querino publicou **A Bahia**

de **Out'rorra** (1916) e **Costumes Africanos no Brasil** (1938). Já o etnólogo Édison Carneiro escreveu em 1954, **A Cidade do Salvador**.

Não se pode esquecer do professor Antonio Loureiro de Souza que foi um historiador que, em 1949 publicou o livro **Baianos Ilustres**, apresentando os valores do passado. Nesta década o educador Edivaldo Boaventura editou **Gente da Bahia**, que tomei conhecimento logo depois que lancei o primeiro volume desta série. Historiadores importantes como Wanderley Pinho, Thales de Azevedo, José Calasans e Cid Teixeira documentaram importantes fatos da terra. Outros estudos, de outras personalidades, virão no desenrolar das pesquisas, todos procurando mostrar o homem e a obra e sua significação no processo da evolução cultural do país. Trata-se do homem e a obra.

Neste segundo volume foi focado o mais autêntico representante do pensamento liberal brasileiro dos fins do século 18, o jornalista Cipriano Barata, seguido do professor e jornalista Adroaldo Ribeiro Costa, os editores Adolfo Aizen e Pinto de Aguiar, a bibliotecária e educadora Denise Tavares, o engenheiro Antonio Lacerda, romancista e poetisa Amélia Rodrigues, Myriam Fraga, os petas Telmo Padilha, Sérgio Mattos, Ruy Espinheira Filho, Cid Seixas, os escritores João Ubaldo Ribeiro e Herberto Sales, os artistas plásticos Emanuel Araújo, Floriano Teixeira, Genaro de Carvalho Jenner August, Rubem Valentim, o sacerdote e precursor da aviação, Bartolomeu de Gusmão, o guerrilheiro Carlos Marighela, o animador cultural Carlos Chiacchio, o arquiteto e urbanista Diógenes Rebouças, a agente cultural e mentora religiosa Dona Canô, o etnólogo Édison Carneiro, o educador Edivaldo Boaventura, o médico e político Manoel Vitorino, a ialorixá Mãe Hilda, um dos referenciais da resistência negra – o ator e coreógrafo Mário Gusmão, o empresário Miguel Sant'anna, o geógrafo Milton Santos, o teatrólogo e folclorista Néilson de Araújo, o cantor Moraes Moreira e o carnavalesco Nelson Maleiro, o empresário e político Orlando Moscozo, o documentarista Siri, os historiadores Manuel Querino e Wanderley Pinho, e muitos outros. Vale conhecer um pouco de suas trajetórias.

PERFIL DE SÉRGIO MATTOS

Jornalista, escritor, professor, poeta e compositor. Sérgio Mattos nasceu no dia 1º de julho de 1948, em Fortaleza, Ceará. Em 1959 chega a Salvador com 11 anos de

idade. Desde a década de 60 participa dos movimentos literários da Bahia. Aos 16 anos inicia no jornal A Semana, da Arquidiocese de Salvador. Posteriormente passa pela fundação da Tribuna da Bahia, em 1969. Em 1968, juntamente com Ivan Dorea Soares, criou a revista de poesias *Experimental*, que serviu para lançar cerca de 30 jovens poetas baianos. Posteriormente teve seus trabalhos publicados em várias revistas e suplementos literários do país, tendo participado ainda de coletâneas *Cinco Poetas Contemporâneos* e *Retina*. Em 1973, lançou o livro *Nas Teias do Mundo*. Segue *O Vigia do Tempo* (1977) e *Batalha de Natal*, livro de crônicas destinado ao público infanto-juvenil (1978). Em 1979 *O Vigia do Tempo* foi traduzido pra o inglês pela professora Maria Luiza Nunes, da Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos. No ano seguinte Sérgio Mattos teve novo trabalho divulgado nos EUA – uma edição bilingue produzida pela Tejidos Publications. A tradução dos poemas foi realizada pelo professor Albert G. Bork, a Universidade do Texas, em Austin. Em 1985 publicou, **Lançados ao Mar**, pela Franco Produções Editora, de Salvador. Em 1995, editou os livros de poemas *Estandarte*, pelas Edições GRD, de São Paulo, e *Asas para Amar*, pela Editora Marfim, de Salvador.

Sérgio Mattos é professor adjunto da UFBA e, como jornalista profissional, tem atuado na imprensa baiana, exercendo diversas funções. Editor dos suplementos A Tarde Municípios e A Tarde Rural do jornal A Tarde. Mestre e doutor em Comunicação pela Universidade do Texas, em Austin, EUA, por onde publicou s seguintes livros técnicos: *The Development of Communication Policies Under the Peruvian Military Government (1968-1980)* e *The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television*, através da Klingensmith Independent Publisher, de San Antonio, Texas, respectivamente nos anos de 1981 e 1982. No ano de 1982 teve sua tese de doutoramento, intitulada *Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A Case Study of Brazil* editada pela Microfilm University, também dos EAU. Além de publicar inúmeros artigos especializados no Brasil e no exterior, como fruto de seus trabalhos de pesquisa, no ano de 1990 Sérgio teve editado pelo jornal A Tarde e Associação Brasileira de Agências de Propaganda/Capítulo Bahia, o livro *Um Perfil da TV brasileira: 40 anos de história (1950-1990)*. Em 1991 produziu novo livro: *Censura de Guerra: Da Criméia ao Golfo Pérsico*, editado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia. Em 1996 editou pela Edufba, *O Controle dos Meios de Comunicação*, e em 1977 organizou e editou pela Intercom – Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, SP, o livro **A Televisão e as Políticas Regionais de Comunicação**. Sérgio é coordenador do GT de Televisão da Intercom. Ainda em 1997, editou e coordenou o livro *Televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha*, editado conjuntamente pelo ICBA (Instituto Cultural Brasil Alemanha da Bahia) e Edições GRD, de São Paulo.

Foi fundador e ex-presidente do Instituto Baiano do Livro. Em duas gestões, por quatro anos, juntamente com s companheiros de diretoria deu início a uma batalha para implantar editoras de livros na Bahia, promovendo cursos, seminários e encontros com o objetivo de conscientizar o empresariado local sobre a importância do livro como segmento econômico, procurando demonstrar que na Bahia já tinha autores, mercador consumidor/leitores, parques gráfico e livrarias, só faltava uma grande editora. Cearense de nascimento e cidadão baiano por opção. Opção reconhecida pela Assembléia Legislativa da Bahia, quando lhe outorgou o título de cidadão baiano no dia 25 de setembro de 1997. No dia 24 de outubro de 1997 ele foi empossado na Academia de Letras e Artes de Feira de Santana. Tem ainda os títulos de cidadão itabunense, cidadão juazeirense e cidadão piritibano. Além de jornalista, professor, poeta, escritor, Sérgio Mattos é também compositor. Na música ele tem uma afinidade com o autêntico forró, a música típica dos festejos juninos, sempre em harmonia com a poesia. Já assinou parcerias com Edil Pacheco (Esquentando o Terreirão, gravada por Adelmário Coelho), Kareka (Abre a Porta Dona da Casa, gravada pelos Caciques do Nordeste; Mulher Especial (gravada por Quininho de Valente), Bira Paim, e muitos outros.

“O poeta é o vigia do tempo”. Neste verso solto, comentou o escritor Guido Guerra, está sua consciência do ofício – não a arte pela arte, mas a arte pelo homem, realizando-se através do homem, existindo em função do homem, começo, meio e fim. “Ele é um poeta-vigia. Vigia do tempo, do homem, do seu meio. Um poeta que revigora o sentido do novo. Um novo que às vezes inquieta e assusta, porque é livre, criativo. Um novo que é o verso, o outro lado, o adiante, o além, nunca porém o mesmo. Por isso pode ser analisado como poeta da esperança. Não interpreta o mundo pelas teias do sofrimento, embora o descreva com realismo, preferindo, porém, senti-lo pleno de fé e confiança. Arma a vida e sabe cantá-la com profundo amor”, disse o professor Josué da Silva Mello, ex-reitor da Uefs e presidente da Academia Feirense de Letras.

E é o jornalista Ivan Dorea Soares que conta a história de um porta-estandarte: “Como jornalista, como pai, como amigo, como ser humano, contudo – acima de tudo – essencialmente como poeta, Sérgio Mattos percebe, sabe, assume a sua poesia no encontro e no entender da vida; afinal, ‘cada poeta busca/o princípio invisível do existir’.” “Romântico sem ser piegas, desfraldando emoções e sentimentos espontâneos, de afeto e comunhão, Sérgio Mattos é um poeta da hora presente”, comentou o escritor e presidente da Fundação Cultural de Ilhéus, Hélio Pólvora.